MOÇÃO Nº ____/18

Aplausos pelo dia internacional da mulher negra caribenha latina e dia nacional de Tereza de Benguela

O Dia Internacional da Mulher Negra Latina Caribenha é comemorado anualmente no dia 25 de julho. Conforme pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 54 % (cinquenta e quatro por cento) da população brasileira é negra, ou seja, mais da metade da população, aproximadamente 97 milhões de pessoas. Na América Latina, são 200 milhões que se declaram afrodescendentes, de acordo com a Associação Mujeres Afro.[1]

A comemoração teve origem em 1992, a partir do primeiro encontro de mulheres Afro Latino Americanas e Afro Caribenhas, realizada em São Domingos, na República Dominicano, e se tornou um marco internacional de luta e resistência da mulher negra, e tinha o objetivo de discutir sobre o machismo, racismo, discriminação de classe e as formas de combate-las. Neste mesmo ano, o dia 25 de julho foi reconhecido pela ONU como o Dia da Mulher Negra Latina Caribenha.

O Brasil é o país com maior índice de feminicídios na America Latina, e conforme dados apresentados pela ONU, dos 25 países com maiores registros de feminicídios, 15 destes estão situados na America Latina.

No Brasil, o 25 de julho, ganhou destaque após a promulgação da Lei nº 12.987, sancionada em 02 de junho de 2014, que dispõe sobre a criação do Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra. Tereza de Benguela foi uma líder quilombola durante o século XVIII, e assumiu a liderança após o assassinato do seu esposo, José Piolho, e se mostrou uma líder nata.

Tereza de Benguela, a rainha do quilombo do Quariterê, viveu no Vale do Guaporé, no Mato Grosso, considerada uma heroína quilombola. Conforme documentos da época, "o lugar abrigava mais de 100 pessoas, com aproximadamente 79 negros e 30 índios. O quilombo resistiu da década de 1730 ao final do século. Tereza foi morta após ser capturada por soldados em 1770 – alguns dizem que a causa foi suicídio; outros, execução ou doença."[2]

A quilombola governava em forma de parlamento para decidir em grupo as ações da comunidade, que vivia do cultivo de algodão, milho, feijão, mandioca, banana, e da venda dos excedentes produzidos, criando, ainda, um sistema de defesa.

Anal de Vila Bela registrou que "Governava esse quilombo a modo de parlamento, tendo para o conselho uma casa destinada, para a qual, em dias assinalados de todas as semanas, entravam os deputados, sendo o de maior autoridade, tido por conselheiro, José Piolho, escravo da herança do defunto Antônio Pacheco de Morais. Isso faziam, tanto que eram chamados pela rainha, que era a

[1] Disponível em: https://www.geledes.org.br/as-origens-do-dia-da-mulher-negra-latina-e-caribenha/
[2] Disponível em: https://www.geledes.org.br/tereza-de-benguela-uma-heroina-negra/

que presidia e que naquele negral Senado se assentava, e se executavam à risca, sem apelação nem agravo.”[3]

A comemoração deste dia tem como finalidade fortalecer as organizações voltadas às mulheres negras, trazendo maior visibilidade para sua luta, combater a violência doméstica e discriminação contra mulheres negras e de parcos recursos.

Desta forma, é curial registrar e enaltecer esta data, pois faz parte de lutas e direitos conquistados por aqueles que por muito tempo foram fragilizados e oprimidos por uma sociedade discriminatória e seletiva.

CIENTIFICAR:

- Secretaria de Cultura
- Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres, Infância e Juventude – SPMJ
- Secretaria de Políticas para Mulheres

Salvador, 25 de julho de 2018.

ROGÉRIA SANTOS

[3] Disponível em: https://www.almapreta.com/editorias/realidade/tereza-de-benguela-a-lideranca-negra-brasileira.